



LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CENTRO DE HUMANIDADES – CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

NERIANE DA SILVA ARAÚJO

**AS NOÇÕES DO CORPO NA HISTÓRIA: DISCURSOS DE
ASSUJEITAMENTO DOS CORPOS**

GURABIRA-PB
2017

NERIANE DA SILVA ARAÚJO

**AS NOÇÕES DO CORPO NA HISTÓRIA: DISCURSOS DE
ASSUJEITAMENTO DOS CORPOS**

Artigo apresentado à banca examinadora do Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Graduada em História.

Área de concentração: História Cultural.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Edna Maria Nóbrega Araújo.

GUARABIRA – PB

2017

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A658n Araújo, Neriane da Silva
As noções do corpo na história: [manuscrito] : discursos de assujeitamento dos corpos / Neriane da Silva Araujo. - 2017.
38 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2017.
"Orientação: Edna Maria Nóbrega de Araújo, Departamento
de História".

1. Corpo. 2. História da Beleza. 3. Anorexia. 4. Bulimia. I.
Título.

21. ed. CDD 908.353

NERIANE DA SILVA ARAÚJO

**AS NOÇÕES DO CORPO NA HISTÓRIA: DISCURSOS DE
ASSUJEITAMENTOS DOS CORPOS**

Artigo apresentado à banca examinadora do
Curso de Licenciatura Plena em História da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito à obtenção do título de Graduada em
História.

Área de concentração: História Cultural

Aprovada em: 10/04/17.

BANCA EXAMINADORA

Edna Maria Nóbrega Araújo
Prof.^a Dr.^a Edna Maria Nóbrega Araújo (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Joedna Reis de Menezes
Prof.^a Dr.^a Joedna Reis de Menezes (1^a Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Jorilene Barros da Silva Gomes
Prof.^a Ms.^a Jorilene Barros da Silva Gomes (2^a Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha família, pela dedicação, amizade,
compreensão de todos os dias, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a Deus, pois sem ele eu nada seria.

Em especial, à minha querida amiga e professora orientadora Edna Nóbrega, que contribuiu diretamente com sua orientação e disponibilidade para que eu conseguisse meus propósitos, sem ela eu não conseguiria, sempre levarei comigo todos os ensinamentos por ela repassados. Tenha certeza que sua semente foi plantada e em ti me inspiro. Grata.

Aos meus professores, que em tudo contribuíram direta ou indiretamente para minha formação acadêmica e me instruíram como ser humano, transformando minha conduta e minha postura, obrigada pela disponibilidade de sempre.

Agradeço aos funcionários da Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, que fazem com que a instituição nos acolha com muito carinho e dedicação, em especial à coordenação de História que esteve prontamente disponibilizando atendimento aos alunos.

À minha querida professora Marisa Tayra (*in memoriam*), com a qual tive o prazer de conviver, uma pena que tenha sido tão pouco, mas o suficiente para marcar minha trajetória acadêmica, sou-lhe eternamente grata pelo seu papel memorável na minha formação.

À minha família por todo carinho e compreensão em vários momentos divididos pela vida, aos meus pais Josefa Gorete e Jurandir, ao meu filho Luiz Felipe, ainda que distante (no caso dos pais), acreditaram sempre em mim e entenderam minha ausência em função dos estudos.

Ao meu companheiro de vida, amigo, marido, Rodrigo, obrigado pela disponibilidade de sempre, pela contribuição principal na minha formação, pela compreensão, pelo amor e por todo o aparato que você forneceu para que esse dia se tornasse realidade, te amo.

À minha querida avó Josefa, que sempre nas horas de maior dificuldade me confortava com palavras de carinho e compreensão.

Ao meu amigo, primo e contribuinte direto deste trabalho, Alexandre Araújo, por tudo que tem feito na minha vida com sua amizade, disponibilidade e compreensão, principalmente nas horas de desespero. Meu amigo, muito obrigada.

Aos meus companheiros de turma que por todo o curso compartilharam de diversos momentos da minha vida acadêmica, muitas vezes exercendo uma troca mútua de conhecimento.

Aos amigos que, de forma direta ou indireta, participaram desta conquista e realização do trabalho.

A todos que me apoiaram e contribuíram para este trabalho.

“Meu corpo não é meu corpo, é ilusão de outro
ser. Sabe a arte de esconder-me e é de tal modo
sagaz que a mim de mim ele oculta”

Carlos Drummond de Andrade

AS NOÇÕES DO CORPO NA HISTÓRIA: DISCURSOS DE ASSUJEITAMENTO DOS CORPOS

Neriane da Silva Araújo¹

RESUMO

Esta pesquisa investiga a relação histórica da beleza desenvolvida no decorrer dos séculos, visando destacar os discursos de assujeitamento dos corpos através dos distúrbios alimentares como anorexia e bulimia entre os anos de 2006 á 2010. O presente trabalho, foi realizado através de uma investigação em blogs, revistas e reportagens tais como: *Revista Viva Saúde; Marie Claire; site de Notícias Terra; Revista Isto É; Jornal Online Folha UOL; Um Espelho Cego; INASC (Instituição Nacional do Adolescente Sem Causa); blog Testemunhos Reais; blog Convivendo Com a Bulimia; blog Escrava da Estética; Fiocruz; blog Ditadura da Estética; blog Diga Não Obesidade; blog Pró Mia Pró Ana Conselhos e Truques*. Na medida em que vão se instaurando novas configurações para o corpo no decorrer dos séculos, as imposições sobre ele vão aumentando, a gordura, em datados momentos, será associada à riqueza, fartura, tendo estas características como sinais benéficos para sua sociedade. Mas alguns fatores irão influenciar na construção de uma nova imagem para os padrões de beleza. As políticas higienistas, o controle do corpo, a necessidade de uma boa aparência vão se configurar a partir do corpo magro, franzino, e contido. Portanto, o desejo de obter uma forma perfeita e padronizada intervirem no corpo, transformando a beleza em doença.

Palavras-Chave: Corpo; História da Beleza; Anorexia; Bulimia.

¹ Graduanda em Licenciatura Plena em História, pela Universidade Estadual da Paraíba – Campus III. E-mail: nerianedsa@hotmail.com.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
I. A RELAÇÃO HISTÓRICA DA BELEZA COM A GORDURA.....	12
II. EM BUSCA DO CORPO PERFEITO	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

INTRODUÇÃO

O presente trabalho discute a relação histórica da beleza no decorrer dos séculos, analisando o desencadear de doenças como anorexia e bulimia na primeira década do século XXI, visando destacar os discursos de assujeitamento dos corpos. Desenvolvido a partir de uma pesquisa realizada em blogs que retratam o cotidiano de algumas adolescentes anoréxicas e bulímicas, foi possível fazer uma análise dos seguintes meios: Blog intitulado *Um Espelho Cego*; INASC (Instituição Nacional do Adolescente Sem Causa); *blog Testemunhos Reais*; *blog Convivendo Com a Bulimia*; *blog Escrava da Estética*; *Fiocruz*; *blog Ditadura da Estética*; *blog Diga Não a Obesidade*; *blog Pró Mia Pró Ana Conselhos e Truques*. Também utilizei de algumas reportagens que pudessem esclarecer os perigos e desafios enfrentados por essas meninas, dos quais averigui nos seguintes veículos: *Revista Viva Saúde*; *Revista Marie Claire*; *Site Notícias Terra*; *Revista Isto É*; *Jornal Online Folha UOL*.

Este trabalho está dividido em duas partes que caracterizam o desenvolvimento da pesquisa. Na primeira parte, intitulada *A relação histórica da beleza com a gordura*, o trabalho discute um levantamento historiográfico da gordura em diversos séculos, a narrativa destaca a construção de padrões que classificam momentos históricos, apontando aspectos como as características do corpo gordo, a influência do higienismo no corpo e as diferentes formas de construção da beleza. Na segunda parte, intitulada *A busca do corpo perfeito*, destaca-se o papel das instituições na construção dos padrões de beleza, o controle do corpo para ser magro e belo, a análise das relações culturais, o enaltecimento do belo e do magro e sua relação com a anorexia e bulimia.

No início do século XX vamos observar uma mudança radical nas formas corporais que serão instituídas na sociedade. A relevância da figura feminina se tornará a cada século mais estigmatizada por um padrão que atendia aos ditames sociais. A gordura, em determinados períodos, era associada a uma diversidade de estereótipos e doenças que vão demarcar uma nova proposta para a beleza social, a magreza.

Neste mesmo período, o momento vivido pela sociedade chamado modernidade trata o corpo como um paradigma para instaurar novos comportamentos que remetessem ao moderno, limpo e belo. Para atender às exigências sociais foi classificada uma série de padrões, controle, e métodos que pudessem auxiliar nesta política corporal que estava se instaurando. A exigência de ser jovem, esbelto, atraente, bem proporcionado, traz como consequência distúrbios que causam graves doenças e podem até levar à morte. A incidência

de casos aumentou a preocupação e a necessidade de se produzir discussões desse tipo. Por isso, a história dos gordos e magros não revela somente um comportamento baseado na aparência corporal e na saúde, mas uma porção de medidas que serve como emblema para narrar o grande aumento feito nas exigências do corpo durante este século. A esse respeito, o homem só será liberado quando qualquer preocupação com o corpo tiver desaparecido (BRETON, 2007, p. 87).

I. A RELAÇÃO HISTÓRICA DA BELEZA COM A GORDURA

Vigarelo (2012) fez uma análise da história da gordura no Ocidente desde a Idade Média até o século XX, a partir de então ele descreveu que o corpo gordo, robusto, era visto com prestígio, sinal de força e de mesa farta, “Numa sociedade dirigida por guerreiros e que faz da força física um mito, o poderoso come até a saturação (...). Quem muito come domina os outros” (IBIDEM, 2012, p. 25). Neste momento histórico, a gordura é força, comer é sinal de saúde, segundo o autor, o gordo na Idade Média raramente era objeto de insultos e ofensas, a gordura medieval representava condição social de classe, a adiposidade no medievo era considerada fartura de sua mesa e de sua casa.

Mas quando se tratava de ser muito gordo, isso traria problemas e patologias referentes ao excesso. Assim como nos relatos de magreza extrema, podemos observar neste período o ato da gordura demasiada:

A patologia é incontestável. Essa deformidade existe e foi assinalada desde sempre. Apenas o abatimento dos muito gordos incarnaria então a imagem do excesso: a verdadeira gordura é a que entrava a ponto de impedir a mobilidade. Somente incômodo físico, as dificuldades de movimentos seriam traços primordiais. O gordo poderia ser apreciado, mas o muito gordo condenado (VIGARELO, 2012, p. 29).

O gordo nem sempre foi visto com uma imagem denegrada, inúmeros qualificadores fortaleceram os estereótipos que reproduziam a visão do corpo exagerado. A construção de uma sociedade baseada no seu corpo e no perfil social esteve classificada desde seus primórdios. Ainda no medievo, foi possível encontrar relatos que constatassem a existência de mulheres que realizavam a inanição como forma de se aproximarem espiritualmente de Deus, a fim de tornarem-se santas (IDA, 2008, p. 16). O que foi analisado é que a gordura, em dados momentos da sociedade, foi privilegiada e apreciada, inclusive pelos clérigos, os quais faziam refeições fartas, todavia quando se utilizavam das penitências ou jejuns, abstinências a refeições sugeriam a seguinte proposta:

Aos poderosos e aos ricos, que estão habituados às delícias da mesa, não se pode impor uma penitência, uma dieta forte demais; aqueles também que por maus hábitos ou talvez ainda que por constituição natural, não podem viver sem pratos delicados, é imposta uma penitência de substituição sob a forma de esmola e preces (VIGARELO, 2012, p. 46).

Neste momento, o regime e a abstinência da comida têm uma relação com a religiosidade, uma vez que clérigos e poderosos não habituados a isso optavam por outras formas de penitências, pois não usavam jejuns. O que nos é relevante é a significação do regime neste momento, ele foi tido como uma forma de punição, uma visão que reflete o

sacrifício como sendo propósito para o benefício, neste caso o sacrifício seria o pagamento de algum “pecado”. Em sua grande maioria, a sociedade medieval estava num período de recesso e escassez de alimentos, principalmente no campo, nem todos gozariam de fartura como ricos e eclesiásticos. Muitos faziam regimes forçados pela falta de recursos e alimentos (VIGARELO, p. 47).

O modelo médico e a cultura que se afirmou ainda na Idade Média diziam que esse discurso vem na retórica, apontando desencadeamentos precisos, que indicam sinais de alerta. É quando o médico do século XIV tenta definir uma visão mais esclarecedora da gordura, associando-a a indisposição. Essa era a visão da medicina para esse período sobre a gordura, ela ainda não é contraindicada, mas oferecia riscos. Estreitaram-se laços que fortaleceram essa compreensão e a gordura ficou em estado de atenção, ela provocou um conjunto de reações que podiam levar desde a sufocação por calor até dores no corpo e lentidão de movimentos. O relevante neste contexto é a maneira como o discurso foi sofrendo mudanças, pois antes, para recuperar um doente, era preciso recorrer a alimentos que regenerasse suas forças, em outro olhar, houve uma inversão de atitude. Os precursores da doença foram dados pelo seu corpo demonstrando uma gordura excessiva, apontando sinais de alerta (IBIDEM, p.49).

Identificaram-se no gordo, doenças como hidropisia², gota³, dentre outras que formaram uma consciência de que a gordura é perigosa e uma ameaça à saúde e, por conseguinte, à beleza. De um modo restrito, esse corpo se transformou dentro da cultura feminina, firmando-se como regra para as aparências. É claro que no decorrer dos séculos o estereótipo do gordo foi diversificado e se alterou de acordo com o desenvolvimento social. O que aqui foi analisado foram os fatores que contribuíram para esse desenvolvimento cultural estabelecido pela sociedade. Assim, com o passar do tempo, a gordura teve diversas nuances estabelecidas, como sinais de lerdeza, gulodice, descuido. Uma infinidade de termos pejorativos foram qualificadores do gordo, desconstruindo sua figura.

A adiposidade se tornou uma ameaça, não somente construída pelo modelo de beleza que se instaurou, mas também foi descrita de forma dramática por médicos no século XVI, como uma ameaça à saúde. Vigarelo (2012) descreve que a gordura teve a construção de uma imagem denegrada, doente, fleumática e de tristeza, associada ao hábito de comer muito, levando à gula. Muitas imagens foram construídas a partir deste discurso, a exemplo das pinturas e iconografias, que sofreram grandes mudanças nas suas formas. O gordo ganhou

² Derramamento de líquido seroso em tecidos ou em cavidade do corpo. Disponível em: <<https://www.google.com.br/hidropisia>>. Acesso em: 23 Mar. 2017.

³ Gota: Uma forma de artrite caracterizada por dor intensa, vermelhidão e sensibilidade nas articulações. Disponível em: <<https://www.google.com.br/gota>>. Acesso em: 23 Mar. 2017.

distinção acentuada na sua fisionomia cujas figuras têm contornos próprios: “Uma bola sem pescoço, rosto e tronco redondos ao extremo, a posição sentada relevando-se mesmo precária a tal ponto incontrollável o volume do corpo” (VIGARELO, 2012, p. 103). Essas figuras revelaram corpos com excessos de banha, o que existe nesse momento é uma visão geral e arcaica do gordo. O acúmulo de gordura passou a ser considerado demasiado, traduzindo sua ruína corporal. Nas mulheres, esse contorno começou nos seios e seguiu por todo o corpo, onde foram traçados padrões lineares de beleza.

No século XVI, o magro não era belo, o que se propõe é algo entre o gordo e o magro, ou seja, o encorpado. Muitas práticas foram adotadas com intuito de afinar a silhueta, desde o aperto das roupas até o aumento de regimes, havendo a busca por novas formas que se acentuaram e ganharam traços, padrões. Era aconselhado o uso de ressecamentos como vinagre, limão, cal, práticas para comprimir o peso, além de corpetes e sintas para modelar o corpo (IBIDEM, p.131). Daí a avaliação da gordura se deu tanto pela roupa quanto pelos anéis (nome dado para as sintas e corpetes).

Na Europa, o sujeito gordo estava em processo de afinamento da silhueta de parte a parte do corpo. O que se observou em terras brasileiras é um corpo entre o gordo e o magro, carnudo. De acordo com Del Priori (2000), na chegada dos europeus em terras brasileiras engendraram-se várias observações em torno das índias, as mulheres que se diferenciaram das distintas senhoras Europeias. Segundo Del Priori (2000), ao desembarcar na então Terra de Santa Cruz, os recém-chegados portugueses se impressionaram com a beleza de nossas índias. Surgiu um novo momento no mundo, onde a miscigenação trouxe traços à beleza nunca vistos antes, desde seu cabelo, a cor do corpo, narizes e, principalmente, as formas do corpo. Essa foi uma das razões para a não formação única de um perfil corporal.

A sociedade seguiu em sua busca de padronizar o corpo e a beleza feminina. “Dissimular, apagar, substituir as imperfeições graças ao uso de pós, perucas, unguentos, espartilhos e tecidos volumosos era comum” (IBIDEM, 2000, p. 45). A cultura feminina baseada nas aparências ganhou traços, técnicas e principalmente a ajuda da cosmética. A valorização corporal foi atravessando os séculos com uma diversidade de características que foram traçando perfis para a construção de um corpo, de uma imagem. A indicação do peso foi cada vez mais solicitada, e as avaliações sobre ele também, a visão implícita da gordura demasiada transformou a avaliação corporal numa coisa cada vez mais corriqueira.

Este modelo interviu nas maneiras de adquirir e comprovar elegância e poder. Pensando a partir dos conceitos de Foucault, descritos por Veiga Neto (2006), foi feita análise

do comportamento humano, e de como conceitos de controle foram emergindo neste campo político e social. É nesse contexto que as relações de poder passaram por muitas mudanças aplicadas ao longo dos séculos. Para Veiga Neto (2006), o poder da soberania descrito por Foucault foi substituído pelo poder disciplinar e aos poucos as sociedades se converteram à disciplina e à ordem. Nessa perspectiva, a disciplina foi compreendida como uma técnica do poder, ela necessitou de um conjunto de ferramentas que a possibilitou procedimentos de aplicação. Portanto, essa disciplina esteve presente nas práticas pedagógicas e na escola principalmente a partir do início do século XX.

Segundo Soares (2006, p. 80), as pedagogias do corpo surgiram como reelaboração para educar o corpo, em lentos processos de transformações sociais, sensibilidade de cada época, e uma racionalização da vigilância sobre o outro, sobre o próprio corpo. O que se diz sobre esses aspectos é que ocorreu uma atualização destas pedagogias constantemente, sendo assim, intensificando cada dia mais os modos de intervir no corpo. Imagens e gestos esboçados induziram no silêncio posições e comportamentos. Essas condutas viabilizaram a formação e a imposição de códigos, de novas atitudes, um regime baseado na aprendizagem e na formação de novos costumes, novos cuidados com o corpo.

As pedagogias que se elaboraram para educar o corpo incorporaram em seus lentos processos de constituição, as transformações da sensibilidade de cada época e, mais precisamente, uma racionalização da vigilância sobre o outro e sobre si mesmo, sobre o próprio corpo. É possível, portanto, falar de “[...] modelos que ao governar o funcionamento do corpo, governam mesmo os meios que os educam” (DUARTE, 2006, p.75). Sendo assim, as políticas higienistas inauguraram um novo olhar diante desse corpo, à necessidade de uniformizá-los pelos métodos. Essas pedagogias agiram como fundamentos para domesticar esse corpo, enquadrando-o em supostas normalidades. O artigo de Iranilson Buriti retrata bem este momento:

A transformação destes indivíduos estava pautada em uma nova sensibilidade, caracterizada pela repulsa aos odores, as doenças, incitando esses “novos” sujeitos a manter um minucioso cuidado com a limpeza pessoal, com a sua estética, é até mesmo com a sua prática alimentar, produzindo assim uma nova individualidade, um novo modo de gestar a sua própria vida o seu cotidiano (BURITI, *et al*, 2012, p.13).

Ora, essa disciplina pautada no autocontrole, na educação e na formação de uma sociedade estava pronta para propagar os novos moldes para a vida moderna, as imposições de novos cuidados com o corpo e a beleza estavam prontas para entrar em vigor. Não

aleatoriamente, os costumes de limpeza vigentes na sociedade entre o Império e a República têm explicações em sua história, das quais a autora destacou:

As concepções sobre o organismo humano, juntamente com as mudanças de suas representações ao longo dos anos, pois as definições dada a cada corpo, seus limites e perspectivas desenharam o passado (ainda hoje não abandonaram essa arte) os traços do que era repulsivo e também desejável em matéria de higiene e civilidade (SANT'ANNA, 2011, p.287).

As representações que vigoraram há séculos sobre a beleza e os corpos se consolidaram a partir das políticas higienistas e da proposta de civilidade, cujos traços demarcaram padrões. Isso esteve presente significativamente quando se estabeleceu normas e condutas para estar civilizado, padronizando com as regras impostas pelas autoridades. O cuidado com o corpo e com a saúde passou a ser um ditame de proteção não somente para a beleza, também estabelecia regras de limpeza do ambiente. A higiene passou a ser atribuída como uma ciência moderna.

Não apenas uma virtude como muitos dicionários a definiam, a arte para conserva o equilíbrio do corpo, devorante seria uma ciência, o “braço direito” da saúde corporal e da salubridade urbana. Suas possibilidades ganhavam amplitude, enquanto seu ensinamento tornou-se rotina para disciplinas escolar, familiar e militar. Por meio da higiene, podia-se regenerar uma raça, fortalecer uma nação (IBIDEM, 2011, p. 302).

As regras de limpeza foram essenciais na civilização, mas a maneira como elas foram impostas, por meio principalmente das instituições, trouxe um regime impositivo e sempre visto numa visão eurocêntrica. Elas têm importância não apenas no discurso da saúde como também no modelo de beleza. Essas políticas engendraram-se e alinharam-se a sensibilidade higienista aos médicos e educadores, impondo-as um teor de controle, “A chegada da educação física, a laicização progressiva do corpo, vinculada à visão triunfalista da ciência, tendeu a escrever o exercício físico na origem da vida humana” (IBIDEM, p.304).

No seio do higienismo, a inspiração de cunho eugênico tendia a associar a limpeza da raça aos valores da ginástica e a uma vida mais ao ar livre (DEL PRIORI, 2011, p. 290). O misto de beleza e elegância começou a ceder às formas de exibição do corpo feminino. O valor corporal esteve ligado ao controle que a mídia e a sociedade estipularam para estabelecer padrões. “Deste modo o modelo foi condicionado numa sociedade de controle onde está articulada a redes de visibilidade e comunicação virtual imediata” (DUARTE, 2006, p. 52).

As normas de controle podiam sofrer mutações, os conceitos foram sempre os mesmos. É nesta perspectiva que construímos uma ponte com a problemática aqui proposta, é um discurso que leva a ter saúde, beleza, felicidade e juventude, mas para chegar a esse

paraíso de felicidade, o sujeito teve que passar por um controle, causando uma abstinência que prejudica seu equilíbrio corporal e sua vida. É partindo desse poder pensado por Foucault, que é descrito por Duarte (2006), que entramos na forte influência das imagens e discursos reproduzidos pelos meios de comunicações, pois é através destes que se engendraram padrões e normas que seduzem o intelecto feminino, e que inspiraram no sentido de reforçar o que é pensado para o corpo desses sujeitos. É, portanto, o poder, é um instrumento indispensável nas pedagogias de higienização dos corpos.

A partir dessas “pedagogias do corpo” surgiram instrumentos que fundamentaram o grau de gordura que era considerado “anormal” em seu corpo, testemunhando a intolerância em relação à gordura, e fora de padrão para o índice a ser considerado saudável nas populações. Esse discurso baseou o uso de instrumentos de medidas como a balança em hospitais, clínicas, inclusive em ambientes privados como no caso de banheiros e academias de ginástica: “Medir o peso, a força, a resistência, a velocidade, a flexibilidade, e na atualidade mais intensamente a necessidades de medir índices corpóreos (IMC)” (SOARES, 2006, p. 76). Essas medidas tiveram um peso altamente qualitativo na sociedade, sendo aspectos que foram reproduzidos de diversas maneiras, como na valorização do corpo magro franzino, e medido nos padrões que a sociedade estabeleceu, confrontando o corpo e o organismo de algumas adolescentes que foram “engolidas” por estes estereótipos políticos e sociais.

Essas técnicas de controle desenvolvidas como pedagogias corporais apareceram como algumas atividades que moveram o corpo e o fizeram interagir em sociedade de diferentes formas. Essas técnicas permaneceram infinitas e dizem respeito a atividades físicas, gestos, modos à mesa, condutas que envolveram tanto sua postura, sua gestualidade, posicionamento corporal e etiqueta corporal, que implicaram em códigos e sistemas. Cada ator desempenhou-se e controlou a imagem do outro (BRETON, 2007, p.21).

A balança consistiu como o principal instrumento utilizado para medir o peso, controlar, e comprovar que o sujeito pode estar fora de padrão e acima das recomendações médicas, e conseqüentemente aumentou a intolerância à gordura (SOARES, 2006). A medida para determinar o tamanho e peso do seu corpo tinha por intenção primeira domesticar o corpo e enquadrá-lo em suposta normalidade. Essas normas foram à forma mais contundente de reprimir a gordura. Para Sant’Anna (2016), a balança foi fundamental na integração cotidiana das medidas, incorporada principalmente pela publicidade, ela tornou-se naturalizada em ambientes de cunho privado, mas também público. Essa postura foi

participativa dos cenários de ruptura no modo de conceber e educar os corpos. Desse modo, a sociedade impunha em diversas temporalidades e intervia diretamente nos padrões de beleza. Essa medida fortaleceu cada vez mais a sensibilidade e intolerância à gordura e o controle dos corpos.

O uso de roupas e vestimentas deste século também fortaleceu o discurso higienista, a moda tendia a encontrar no mesmo lugar silhuetas higienizada. As cinturas finas, apertadas por espartilho, deram lugar a uma leveza, uma nova atenção à higiene do corpo, o uso de grandes chapelões e vestidos com caudas poderiam levar sujeiras e causar desconforto às mulheres, sendo contrárias às novas imposições higienistas, tiveram que adotar novos cuidados com a beleza. A moda dos anos 20 subiu as roupas das mulheres, trouxe o charme da silhueta longilínea, é a partir daí que uma infinidade de revistas e fotografias destacou o corpo de mulheres e banhistas. Nelas, a descontração e a exposição à radiação solar mostraram um estilo de vida jovial e higiênico, o cuidado com o corpo e a beleza se pautava desde a depilação até o uso de cosméticos. O que se instalou no período foi um ensaio de forte influência para os modelos de beleza, que para Del Priori (2000, p. 53): “Em resumo, a roupa, signo ou símbolo, consagrava e tornava visíveis as clivagens e hierarquias, segundo um código garantido e perenizado pela sociedade e suas instituições”. As instituições tiveram um papel crucial na formação higiênica da sociedade, assim como também na conformação da perfeição, ainda que instaurado segundo um padrão, a hierarquia da beleza que foi adotada.

As novas formas de beleza feminina invadiram a imprensa, com uma diversidade de alternativas para padronizar os corpos para serem jovens, valendo-se de conselhos de beleza, e o uso dos cosméticos que chegou à sociedade como uma forma de facilitar e melhorar a aparência.

A recomendação dos exercícios como importante aliado para uma vida saudável, uma pele saudável e um corpo firme e jovem se apoiou cada vez mais nas práticas higienistas. Para obter esse corpo tão preferido pela sociedade, em sua grande maioria feminina, Del Priori (2000) destacou: As transformações na alimentação são certamente responsáveis por mudanças na saúde e na forma física. Estamos consumindo, cada vez mais, uma alimentação calórica responsável por terríveis quadros de hipertensão, diabetes e colesterol alto, no campo da beleza, a alimentação também faz suas vítimas. A falta dela também pode acarretar em graves patologias, como anorexia e bulimia, distúrbios que estão ligados à abstenção da alimentação.

Levando em consideração todas as características do nosso corpo e da nossa miscigenação, podemos constatar que jamais será possível alcançar esse corpo classificado como ideal, somos mestiços e isso nos impede de ter apenas um modelo específico de corpo. Sendo assim, o desejo de alcançar um padrão que é imposto e completamente desajustado da nossa realidade ficou no imaginário de algumas adolescentes que sofreram por não estarem satisfeitas com seu corpo, considerando que o padrão pretendido sugere a perfeição inalcançável. Em depoimento ao blog *Um espelho cego*,⁴ uma jovem relatou sua experiência como modelo anoréxica:

Em Paris um estilista disse que eu estava uma baleia. Tenho 1,76 m e peso 52 kg. Sozinha, acreditei naquilo e, embora trabalhasse bastante, achava que se engordasse teria acabado minha carreira de modelo. Comecei a fazer tudo que me falavam para emagrecer. Jejum, remédios, pensei até em usar drogas. Tomava laxantes e cheguei a jejuar por dois dias seguidos. Aí eu não aguentava e mandava ver: comia o que vinha pela frente. Vinha o arrependimento, a tristeza e o descontrole. Não sabia mais o que era normal. Comecei a perder peso e quando voltei ao Brasil minha família e a Agência se escandalizaram. Fiquei louca da vida e continuei utilizando meus métodos. Quando meu namorado me convidava para sair ficava “louca:” será que este cara não vê que eu preciso emagrecer?” Acabei desmanchando o namoro. Amigas? Nem pensar! O medo de comer me fazia calcular todos os itens de calorias dos alimentos. Cheguei a comer algodão com água para não sentir fome. Minha pele estava amarelada, as palmas da mão alaranjadas, meu cabelo caía e eu me sentia deprimida. Não pegava trabalho de jeito nenhum e achava que era porque estava gorda! Um dia tive uma sensação terrível, o peito parecia que iria estourar, o coração saía pela boca, sentia-me enformigada, arrepiada e achei que iria morrer. Corri para o Pronto Socorro e lá disseram que não era nada. Mas como, se eu sentia tudo aquilo! Consultei o Dr. Tommaso e fiquei sabendo que tinha “PÂNICO”. Era, como ele disse, um ataque de pânico. Uma sensação tão aterrorizante que me mantinha com muito medo! Aí comecei o tratamento e percebi que estava num estado quase anoréxico (Depoimento de uma modelo - C.D. 19 a, modelo internacional, 2009 disponível em: <http://umespelhocego.blogs.sapo.pt/2636.html> Acesso em: 23 Mar. 2017).

O que essa adolescente pretendeu foi chegar ao peso almejado intimamente relacionado à felicidade, o trabalho de modelo exigia formas e padrões que não estiveram ao seu alcance. O controle que ela estabeleceu para seu corpo a levou ao pânico, ao desespero, à infelicidade e inconformidade, tornou-a doente. Muitos sentimentos que vigoraram no pensamento dessas meninas constantemente insatisfeitas com sua forma corporal as tornaram escravas da estética, essa construção teve seu ápice nas relações de poder.

Gradativamente a adolescente se envolveu com dietas até deixar o corpo frágil. No entanto, ela não pretendia desistir de ser magra, o desejo de brilhar nas passarelas da moda, a busca da fama, parecia seduzir a adolescente que ignorava os problemas de saúde que

⁴ Espelho cego: blog que contém depoimentos de anorexas e bulímicas. Disponível em: <<https://www.google.com.br/cego.>>. Acesso em: 23 Mar. 2017.

vivenciava, era mais fácil “comer algodão com água”. Tentar saciar a fome enganando as doenças assim como fazia com a fome.

Ao abordar problemáticas relativas ao controle do corpo, Veiga Neto (2006, p. 27), disse que:

As relações de poder foram estabelecida a partir das instituições, e elas que deram sustentação material e simbólica a essas relações sejam elas quais for, se estabeleceram dentro de uma busca racional pela dominação e pela conduta, uns tentaram imprimir as condutas alheias. Outro fator que moveu essas ações foi o poder disciplinar, que Foucault destacou, e a forma como se conduziu esse poder: “O efeito maior do poder disciplinar não era o de se apropriar violentamente de um corpo para dele extrair energia, afetos, submissão e trabalho, mas, sim, o de adestrá-lo”.

Para ele, tal poder visava à multiplicação de forças, e utilizá-las como um todo implicou numa relação de dominação. Neste caso específico, na análise coube à relação de dominação exercida sobre corpos que foram sendo moldados de acordo com sua temporalidade, e não conforme sua identidade, o que os torna produção dessas instituições de poder (escola, prisão, família), como no caso dessas adolescentes que infligiram suas regras, atropelaram seus limites e fragilizaram seus corpos para alcançarem seu objetivo: a “magreza contemporânea”.

Ainda nesta perspectiva, o controle que esteve presente nestes corpos disciplinados é estabelecido e regrado pela sociedade, foi ela que ditou normas e técnicas para se chegar à perfeição e à beleza. Esse corpo e esse modelo são objetos de desejo mútuo das adolescentes, das mulheres.

Na realidade o objeto “corpo” dos discursos sócios culturais contemporâneos é cada vez mais um *fetice* e uma abstração: um corpo que equivale a não ter odor, salvo aquele de algum perfume que está na moda, nem medidas, salvo aquelas controladas pela ginástica e pelos regimes alimentares; um corpo do qual não se fala a não ser que ele manifeste desejo e necessidade aceitos e codificados pela sociedade (PARISOLI, 2004, p. 24).

Numa reflexão sobre essa temática, a autora nos diz que o corpo baseou-se numa relação de poder, que é sobreposto diante de um sujeito construído a partir de suas relações cotidianas com as instituições, com a sociedade. Sem essas relações seria um corpo sem cheiro, sem medidas, sem fala. É nessa perspectiva que abordarmos a relação entre o modelo ideal e o modelo “real” de corpos, a fim de discutir não somente o valor atribuído atualmente ao corpo como também as contradições geradas na nossa sociedade que busca o padrão estabelecido.

Ainda segundo Parisoli (2004, p. 28), estabeleceu-se um modelo contemporâneo: a necessidade da “boa” aparência na sociedade. Na atualidade, estamos cercados de imagens

publicitárias, filmes, revistas e blogs que nos induzem à crescente representação do modelo ideal de corpo, todos eles de uma ou de outra maneira remetem ao corpo musculoso dos *body builders*⁵ ou ao corpo magro, esbelto e quase transparente dos manequins, assim como no seu significado com termos de controle e de falta de controle. Numa sociedade que buscou novas técnicas, a autora nos esclareceu que:

O ideal contemporâneo de um corpo completamente enxuto, compacto, firme, jovem e musculoso: um corpo protegido dos sinais do tempo e no qual os processos internos são controlados pelos regimes alimentares, pelo exercício físico e pela cirurgia estética (PARISOLI, 2004, p.31).

Sendo assim, neste momento o principal inimigo do corpo foi à gordura, flacidez e falta de tônus, cada pessoa que se preza e se cuida, como já ouvira na sociedade, tem que prevenir os sinais do envelhecimento, queimar as gordurinhas, eliminar a barriga, preservando-a das ameaças perigosas. Com isso, a indústria de cosméticos se expandiu com publicidades do tipo que revelou produtos que permitiram emagrecer tornando-se, assim, esbeltos. O advento da modernidade nos trouxe a utopia de uma vida eternamente jovem, graças às receitas que foram oferecidas não somente pela indústria como também por meio virtual, onde pessoas buscavam métodos que prolongassem o tempo de sua juventude e beleza. O que se observou foi que essas imagens relativas ao corpo refletiram sempre o controle.

Estas características recaíram sobre esforços a que os indivíduos recorreram para modificar seus corpos. A sociedade não se limitou mais ao corpo baseado no que a natureza deu aquele corpo sem cirurgias plásticas, sem manutenções da cosmética, cada pessoa tornou-se o que ela queria, e para isso não bastou aceitar regras e comportamentos. Segundo Parisoli (2004, p. 34), “é preciso corrigir, mudar, aperfeiçoar, para todos e todas segundo as modalidades e formas que não são diferentes da domesticação”. Não é por acaso que se observou a necessidade de estar padronizada nesta sociedade relacionada com a magreza. Para o alcançarem esse objetivo, as mulheres submeteram-se ao regime, domesticando seu corpo e controlando-o com abstinência da alimentação, muitas delas, por não obterem êxito, recorreram a outros métodos. Sobre isso, a autora relata: “A perda de peso, exercício físico, a capacidade de suportar dor e a fadiga são apresentados como sinais de uma vontade forte, como as propriedades que deve possuir um homem vencedor” (PARISOLI, 2004, p. 38). Sendo assim, uma pessoa que estabeleceu limites, domínio sobre o seu corpo, foi considerada

⁵ Body builders, Construtores de corpo. Disponível em: <<https://www.google.com.br/body+builders.>> . Acesso em: 23 Mar. 2017.

corajosa, sinal de um comportamento correto, esse corpo afirmava que teve cuidados específicos dados a ele, e foi observado pela sociedade como positivo.

II. EM BUSCA DO CORPO PERFEITO

Na atualidade, podemos observar que todas as modelos são extremamente jovens e magras, a profissão as obriga a um padrão não só de beleza como também de idade. A mensagem exposta por publicitários e pela mídia é que toda mulher precisa ser bem cuidada, usuárias de todos os produtos de beleza que possam favorecer e enaltecer suas características tornando-as mais belas e jovens de acordo com o modelo proposto. Para Parisoli (2004), as próprias modelos são submetidas a regimes alimentares bem rigorosos, e a várias cirurgias estéticas para uniformizá-las de acordo com o parâmetro estabelecido, mesmo que essas mulheres tenham que recorrer a métodos que as expõem a doenças e, mais drasticamente, à morte. Transtornos alimentares comprometeram a vida dessas meninas. Observe a seguir o discurso de uma adolescente que relatou seu depoimento a um blog sugerindo a adesão ao uso da bulimia para obter seu desejo de ser magra:

Olá gente! Hoje eu gostaria de falar um pouco sobre Mia. Eu ouço muitas queixas de garotas que não conseguem miar. Eu também tenho uma amiga que já tentou algumas vezes mas não conseguiu. E é pra isso que eu estou aqui escrevendo esse post, pra ajudar vocês a miarem. Porque nada é demais para um corpo perfeito! Para começar, todo ser humano tem a opção de por as coisas pra fora propositalmente. É como o nosso corpo foi feito. Sim, é difícil no começo. E às vezes acabamos nos iludindo com filmes sobre o assunto, vendo a personagem vomitar com tanta facilidade e rapidez. Mas para conseguir é preciso tentar várias vezes! A primeira vez que eu miar foi ao chegar em casa depois de uma festa, onde eu comi MUITO! Demorou algum tempo, mas depois eu aprendi. (Disponível em: <<http://promiaeproana.blogspot.com.br/2009/08/bom-dia-garotas-ou-garotos-depois>>. Acesso em: 02 Dez. 2016).

Ela seguiu dando dicas e incentivando o vômito citado pela palavra “miar” como método para emagrecimento, segundo ela está foi uma maneira de obter o corpo perfeito. Nesta lógica, o sujeito precisava refletir sobre o controle de seu apetite, das pulsões e das fraquezas (DEL PRIORI, 2000). A jovem da citação supracitada controla seu corpo através do vômito, parece ser fácil, mas nem sempre é possível, por isso o uso das redes sociais para compartilhar as experiências por elas vividas se fez necessário para adequar-se a este padrão, ela utilizou o blog para incentivar o uso de o método miar, vomitar. Essa foi a forma encontrada para adequar-se ao corpo desejado, podendo comer, sem engorda. A jovem diz que para obter o corpo perfeito nada é demais.

Regimes obsessivos associados à estética do corpo multiplicam-se nas revistas femininas que consagram as mulheres números inteiros com terríveis títulos do tipo: “última chance do verão!”. O espelho retruca: “nunca bastante magra”. A retórica sobre a magreza não pode ser mais repressiva. O resultado dessa onda é que os casos de bulimia e anorexia nervosas não param de se multiplicar entre jovens Europeias (DEL PRIORI, 2000, p. 90).

Portanto, a beleza e a magreza correspondem a uma questão sociocultural, movendo ações e imposições da sociedade, e de sua cultura. O controle pressionou essas jovens, que caminharam lado a lado com o ideal de obter o corpo perfeito, ainda que para isso seja necessário atropelar as calorias indispensáveis para uma vida equilibrada. O medo de engordar tomou a sociedade, a mídia favoreceu o discurso da perfeição e o associou a conselhos de beleza e saúde. Esta se converteu numa linguagem que transmitiu uma transformação legítima e saudável de amor próprio, segundo a qual, quem ama seu corpo, dele cuida e trata. Para Sant’Anna (2016) esse discurso contemporâneo associou o medo de engordar às justificativas para fazer regime e perder peso. Com essas características, emergiu explicações psicológicas para a obesidade, que atingiu o centro das problematizações sobre o obeso, visto como uma figura com falta de autoestima e carente. Essas frustrações emocionais, segundo a autora, ganharam espaço e foram causadas pelos distúrbios alimentares. Vejamos o depoimento de uma jovem que sofreu de anorexia desde a adolescência:

Meu nome é Vivian, tenho 20 anos e sofro de anorexia. Comecei com este terrível problema quando tinha 13 anos, já fazem sete anos que tenho este mal. Se eu for contar toda minha história, nem sei por onde começar, só sei que sofri muito e ainda continuo com muitos problemas. Cheguei a ficar muito mal, comecei a fazer regime, ginástica e quando fui ver perdi totalmente o controle e fiquei só na pele e osso. Não queria comer de jeito nenhum, só queria saber de emagrecer cada vez mais. Comecei a rotina de psicólogos, psiquiatras e nutricionistas para conseguir continuar a sobreviver, pois cheguei a um estado crítico, quase faleci. Mas graças a Deus consegui me manter viva. Fui internada por quase 3 meses para recuperar o meu peso, consegui mas foi muito difícil. Depois que sai da internação perdi tudo de novo, e para recuperar de novo foi um sacrifício e até hoje continuo assim perdendo, ganhando peso, mas não consigo recuperar meu peso normal. Tenho pavor de engordar, vivo contando calorias, pensando em comida o dia todo, é uma perturbação que não agüento mais. (Disponível em: <<http://escravasdaestetica.blogspot.com/2007/05/problemas-psicologicos-causados-pela-bulimia/anorexia25deMaide2007>>. Acesso em: 03 Dez. 2016).

Para ela, a gordura representou um pavor que tomou sua vida, mediada pelo medo que representava a figura do obeso. O relato nos mostrou que os métodos podiam controlar o peso, mas nem sempre ele foi controlável, o desejo assíduo de ser magra pode se tornar incontrolável e sendo representado na figura esquelética de algumas anoréxicas e bulímicas, doentes. Nesta lógica o caráter mais importante da beleza feminina é a magreza, segundo os padrões estabelecidos pela sociedade. Porém, como podemos observar no depoimento de Vivian, ela chegou a ficar tão magra que precisou ficar hospitalizada para adquirir peso e

conseguir sobreviver após as tentativas para perder peso, e mesmo assim, ao sair do hospital continuou contando calorias para não engordar. Essa é uma situação comum entre as adolescentes. Essa construção foi forte e altamente valorizada pela sociedade, que nem sempre prestigiou tanto esse perfil.

Segundo Sant'Anna (2016), houve um dado momento em que ser magra estava associado a ser depreciativa, ser doente, inclusive usou-se o termo “magra de ruim” para adjetivar meninas que comiam em excesso e não engordavam, tendo em vista que algumas meninas tinham dificuldade para ganhar peso, um corpo totalmente impermeável às consequências da gula. Não é o caso das bulímicas e anoréxicas aqui expostas.

O conceito de beleza sofreu diversas mudanças no decorrer dos séculos, não somente introduzidas pela sociedade, como também na moda observada em capas de revista, na imagem publicitária, e pelo meio da infantilidade das crianças, como no caso do uso de bonecas europeias padronizando toda a beleza da época. Segundo Del priori (2000, p.38), já nos anos 70, desembarcaram no Brasil junto com as bonecas barbies, inúmeras máquinas e técnicas do corpo, instrumentos de um verdadeiro *marketing* de vivências corporais, passando de uma estética feminina para uma ética feminina, fazendo com que esse empoderamento momentâneo de beleza pudesse se instaurar desde a infância até a idade adulta.

Deste modo, a mulher passou a ser responsável pelo seu corpo e por sua imagem, em um momento que a indústria teve a tarefa de formar um corpo consumidor. Del Priori (2000) destaca que o corpo será cada vez mais usuário deste método, individualizando suas partes e cuidando-as, uma difusão de padrões de beleza que deu ênfase à publicidade, para refletir-se no público feminino. O que pode ser ameaçador neste cenário é o desejo por uma beleza que esteve num ideal inatingível, pois segundo a autora, uma vez que as imagens veiculadas nada têm de humano, é a promessa de felicidade absoluta, plenitude e a dificuldade de adaptação das antigas normas para as mais modernas. Esse aspecto empurrou as mulheres para a impossibilidade de adequar-se a novos padrões estéticos.

Segundo Sant'Anna (2016), o tema anorexia marcou presença crescente em jornais a partir da década de 70, logo incluiu mortes de algumas celebridades, como no relato de uma reportagem datada de 2007, mostrando a morte de uma modelo chamada Carolina Reston, de 21 anos, que era adepta da anorexia, e por várias vezes sua família insistiu para que ela procurasse tratamento.

A mesma se negava dizendo para sua mãe: “mãe, não briga comigo, eu não quero comer, a comida não desce⁶”. “Ela foi vítima de infecção generalizada quando

⁶ Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/>>. Acesso em: 21 Set. 2016.

estava pesando algo em torno de 40 quilos, medindo 1,72 de altura” (<<http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/>>. Acesso em: 21 Set. 2016).

A debilidade de seu corpo e órgãos claramente foi à causa de sua morte. Essa jovem foi uma das primeiras anoréxicas noticiadas pela mídia. A anorexia e a bulimia são transtornos que atingem o corpo assim como a mente, não se trata apenas de um comportamento alimentar, mas de um distúrbio que percorre por todo o ser.

A procura e a espera de um ideal proposto e normalizado por ditames sociais causam algumas patologias que podem levar à morte, através desses dados foram descobertos vários regimes rigorosos que tinham como objetivo a busca do corpo considerado “perfeito”. Diante disso, constatou-se que, na construção do corpo idealizado, a gordura é, de modo geral, restrita em diversas circunstâncias e períodos. O blog intitulado *Pró Ana, Pró Mia*, que reúne meninas adeptas da anorexia e bulimia, confirmou a complexidade do problema, destacando o sofrimento dessas adolescentes em uma música de autoria delas:

Minha vida tem de ser sofrida/De nada valem os acertos/Não consigo melhorar/É como se eu não aprendesse nada/Cometo os mesmos erros/Não me canso de errar/Procuro uma trégua e não encontro/Como se o destino fosse um porto/Acessível no além mar/Esse local existe mas não ha veiculo/Que este corpo físico/Consiga transportar/ O único caminho é a morte/Que caso eu tenha sorte/Irá me confortar... (Escrito por Mia Pryncess (Pseudônimo). Disponível em: <http://ana17mia.zip.net/arch2006-10-29_2006-11-04.html>. Acesso em: 27 Nov. 2016).

Nesta música ficou claro o sofrimento, e a dor sentida por essas meninas que pensaram para seu corpo algo que jamais poderão alcançar, essa dor as tornaram depressivas e desejosas de morte. A moralização, a fugacidade do belo, do corpo magro e esbelto revelam e agrava a dor das pessoas, sobretudo, das adolescentes, que fazem do corpo um problema (DEL PRIORI, 2011). Para autora, em pesquisas realizadas recentemente, foi possível observar que não é apenas o caráter impositivo da estética, que nada tem a ver com o biotipo brasileiro, mas sim um profundo pré-conceito com as mulheres feias (leia-se gordas). São pessoas consideradas sem caráter, sem força de vontade e vistas como desleixadas, um modelo de pessoa incapaz até de conseguir um emprego, o que justificou a crescente insatisfação com seus corpos.

O fator principal desse desejo pelo corpo perfeito está intimamente ligado à infância, quando as mulheres são convencidas de que o sucesso está ligado a sua aparência física, podemos observar mais uma vez o exemplo das bonecas Barbies, as mais vendidas do mundo. Segundo Parisoli (2004, p.70), as bonecas tradicionais foram substituídas a partir dos anos 60 por essas bonecas que representam o modelo contemporâneo da mulher perfeita, mudando as

brincadeiras das quais as meninas se apropriavam de mãe e filha, para brincarem de ser Barbies, que em seu corpo perfeito são sempre lindas e felizes, deste modo, deixa-se de estigmatizar a mulher do cenário de dona de casa para associar ao modelo europeu de mulher perfeita, pelo menos em sua beleza.

Para Rago (1985), um ambiente onde mulheres são vistas com desqualificação, colocando-as sob diversos estereótipos para serem qualificadas como “belas, recatadas e do lar”, assim também foi na estética, uma exigência social, “As mulheres ricas, as exigências de um bom preparo e educação para o casamento, tanto quanto as preocupações estéticas, com a moda ou com a casa, reclamam sua frequência nos novos espaços” (IBIDEM, p.63).

Deste modo, ficaram claras as exigências perante a figura feminina para serem restringidas aos moldes da sociedade, sejam eles para beleza ou até mesmo em outros aspectos como a educação e a moral. Desde a infância tem-se uma exigência peculiar com a beleza, um dos fatores primordiais e poderosos do nosso século, fazendo com que as adolescentes sejam capazes de se abster de comer para não perderem a silhueta tão desejada, muitas vezes essas meninas adquirem distúrbios alimentares devido a esse desejo mórbido de serem magras. Essa silhueta representou não apenas o sucesso no meio social, como também o desejo da perfeição e da felicidade. Para Parisoli (2004), o princípio da autonomia individual é o que tem feito às transformações do corpo cada vez mais autônomas, transformando o corpo em um objeto qualquer de manipulação. A representação do corpo perfeito e o uso dos meios propostos por cirurgias plásticas, restrições alimentares, treinamento físico foram, portanto, considerados bens que favoreceram as mulheres a libertação do peso do corpo, tomando finalmente o controle de suas vidas em suas mãos.

Por mais que essa pareça uma autonomia ao domínio sobre sua imagem, a liberdade individual existe, mas de certa forma, segundo a autora, algumas razões filosóficas e éticas serviriam para se opor à dominação. Razões essas que levaram à complexidade de fatores que sucedem comportamentos perigosos, e que nos casos mais extremos podem ter consequências patológicas gravíssimas como a bulimia, a anorexia e a morte. Este conceito de autonomia individual colocada pela autora expõe o corpo como simples objeto de que a pessoa pode livremente utilizar-se para realizar seus objetivos e sonhos, procurando muitas vezes atingir uma imagem cultural que supostamente devemos aceitar, tornando-se “escrava do ideal”.

Muitas vezes esses agentes morais não são voluntários, mas simplesmente submissos ao paradigma cultural, cuja penalidade é a estigmatização social. Todo esse contexto também buscou a liberdade da imagem da mulher do lar, dona-de-casa, reiterando-a para encontrar seu

lugar no mundo do trabalho. Este modelo de mulher está sendo substituído atualmente pelo da mulher ativa, com um corpo sempre bem cuidado. Isso significa que este protótipo mudou e que, para ser aceita, uma mulher deve ter hoje seu corpo dócil, dominando sua fome e até outras sensações, como o controle do seu corpo, que foi a ponte para chegar à beleza, à saúde e à juventude.

A mulher é atraída por que as imagens do corpo ideal fazem reluzir diante de seus olhos ganhos miríficos. Entretanto, o corpo dela jamais estará à altura deste modelo, mesmo que lhe seja imposta as regras mais tirânicas, por que o corpo perfeito, na realidade, jamais pode existir (PARISOLI, 2004, p.51).

Portanto, a autora aqui esclareceu que o desejo árduo de possuir um corpo com as formas e contornos impostos pela sociedade é resultado de um padrão determinado, que foi equivocado, pois somos uma sociedade formada pela diversidade de povos, onde nenhuma forma física poderia ser moldada, articulada para ser modelo. A anorexia é um mal que atingiu jovens adolescentes que têm medo, insegurança e fragilidade com relação à sua imagem, pensando nessa aparência que buscou métodos formalizando um perfil padronizado.

A nosologia internacional, em sua fria objetividade, descreve a anorexia e a bulimia referindo-se simplesmente ao comportamento alimentar, sem preocupar-se com a pessoa e sem dizer nada sobre o drama que os anoréxicos e bulímicos vivem e ela que cada dia (PARISOLI, 2004, p.56).

Sendo assim, ela descreveu que não unicamente o distúrbio intervém no corpo, mas o sofrimento diário desses sujeitos se tornou uma penúria cotidiana para não ceder a suas vontades, que neste caso são extremamente fisiológicas. Esta patologia esteve intimamente originalizada de imposições incompatíveis que estrangiam indivíduos a restringirem seu consumo alimentar, ao mesmo tempo aumentando suas ocasiões de tentação, ou seja, muito se tem para comer, mas o controle é o grande desafio. Apesar da grande oferta de consumo exposta aos indivíduos, a tentação é o grande desafio para o autocontrole, à pessoa é constantemente solicitada, mas ao mesmo tempo é levada a não ceder, tornando assim a sociedade cada vez mais contraditória. Por isso, convivemos com um grande número de obesos ao lado de pessoas com anorexia e bulimia de outro.

O que foi notório nesta análise é a questão da contradição contemporânea, em que a tão desejada felicidade é apenas uma ilusão.

As bulímicas e as anoréxicas se tornaram doentes por conterem suas emoções e seus desejos, numa esperança ilusória de reprimir toda a sua fome e seu descontrole emocional. Elas aprenderam que a mulher de hoje deve ser ativa, energética, feminina e magra, sob pena de desqualificação (PARISOLI, 2004, p. 60).

Esse mito se tornou o motor da bulimia e da anorexia, na medida em que essas patologias podiam ser vistas como graves doenças sociais, a sociedade impunha e padronizava modelos de beleza, ela excluiu e julgou o oposto. Sem autoestima vigorável, a anorexia e a bulimia foram à manifestação mais radical da falência do modelo contemporâneo.

“O desejo de ser sempre mais magra implicou apenas em um desmedido contínuo de sua própria aparência. Ao mesmo tempo, o esforço de limitação da ração alimentar suscita um sentimento de privação e de frustração, assim como uma verdadeira obsessão alimentar” (PARISOLI, p. 61). Os regimes alimentares faziam as anoréxicas e bulímicas entrarem numa lógica do fracasso e esses desequilíbrios nutricionais favoreceram um círculo vicioso comportamental, que provocou inúmeras reações e mudanças em suas vidas, afastando-as ainda mais da imaginária perfeição e da normalidade imposta.

“A anorexia muitas vezes representou em blogs e sites o apoio à adesão desse distúrbio, tido como um estilo de vida de jovens adolescentes que possibilitaram esse contato virtual, desejosas de emagrecimento, tocadas por um receio mórbido de engordar” (SANT’ANNA, 2016, p. 152). Na maioria dos casos, a fome as deixava depressivas, então elas comem, e sua culpa as condena. Quando a anorexia e a bulimia firmam-se na vida dessas jovens, elas entram num estado de dor, que segundo Parisoli (2004, p.94):

De certa maneira, deveríamos sempre distinguir as consequências da dor: a uma dor que intervém a um certo momento de nossa vida e que nos obriga a entrar em contato com a materialidade e os limites de nossa existência humana e que pode as vezes ter um conteúdo de verdade sobre o sentido da vida, sobre o ser humano como criatura mortal; mais há também a dor que chega as vezes a abalar profundamente uma pessoa doente de viver e expandir-se.

Para a autora, deveríamos identificar as consequências da dor, que essa dor pode dar sentido às condições da existência humana, nos revelando como criaturas mortais, não condenando a viver doente numa esfera que proíba a expansão do ser humano. No caso de anoréxicas e bulímicas, a dificuldade esteve em assumir que estão doentes, não somente pela debilidade de seu corpo como também pela fragilidade de seus ideais, uma vez que foram reproduzidos discursos entre elas que promoveu o desejo de alcançarem algo que não seria possível, uma beleza, uma magreza existente apenas na imaginação dessas jovens.

Segundo Breton (2007), essas manifestações sociais interferiram na ação e nos comportamentos e foram fenômenos marcados com sinal de espontaneidade. De acordo com o autor, várias condutas comandadas por meio fisiológico fugiam da nossa vontade ou consciência como no caso de comer, ir ao banheiro, são necessidades das quais não se pode

controlar apesar da forte influência de elementos sociais, culturais e psicológicos, não podemos conter. “E no caso da dor, cabe ao sujeito à percepção sendo o homem que faz a dor conforme ele é” (BRETON, p.53). Essas normas implícitas determinaram a relação do sujeito com o estímulo doloroso. Essa ligação não correspondeu a uma essência pura, ela traduziu uma associação às modificações do equilíbrio interno do corpo, sendo um sujeito que aprendeu a relacionar essa sensação a um sistema de sentido e valor.

Desse modo, a anorexia e a bulimia entraram na atividade corporal dessas adolescentes, provocando uma “dor” que traduziu desequilíbrio na estrutura física, mas ao mesmo tempo uma satisfação por não terem cedido às necessidades fisiológicas que seu corpo exige. Vejamos a seguir o relato de uma jovem anoréxica em destaque no blog *Pró Mia, Pró Ana*:

E essa semana como disse fui mais ou menos, poderia ter ido melhor... Os meus dias melhores foi ontem que so comi meio pão doce e leite com chocolate e mais nada o dia tdu, ja hj ate agora 15:00 só comi 4 balinhas , só que a noite vou ser obrigada a comer, pois niver de familiares huahuahua bolo de chocolate e churrasco, vou tentar comer o menos possivel nese FDS e hj a noite tbm.... Torçam por mim Meninas amanhã passo aqui pra flar como vou me sair hj...Bjus no coração de todas Mi@Pryncess.... Força para todas vcs.....(Escrito por Mia Pryncess. Disponível em: <<http://ana17mia.zip.net/>>. Acesso em: 26 Nov. 2016).

Neste depoimento a adolescente tentou o controle de sua fome, sendo para ela primordial que, como exposto no blog para compartilhar com outras meninas seu cotidiano, inspirando-as há não comer ou pelo menos comer o menos possível, sendo assim, motivando e reforçando o ato da anorexia. Desse modo, essas jovens permaneciam na luta contra a fome e o peso. Breton nos elucidou sobre a configuração dos sentidos, ao dizer que a tonalidade e o contorno de seu desenvolvimento são de natureza não somente fisiológica, mas também social. “Certos sinais do corpo escapam totalmente ao controle da vontade ou da consciência, mas nem por isso perdem sua dimensão social e cultural” (BRETON, 1997, p. 55). Esses mesmos sinais corporais, que podem ser incontroláveis, são colocados em provas e vão ou não poder ser controlados e combatidos pela anorexia e bulimia. É um jogo de força e resistência.

Segundo Veiga Neto (2006), as relações de poder se constituíram a partir de relações legais de nível de direito e de contratos, num plano de disciplinas, normalização e moralização. Não diferente aconteceu com o corpo numa relação de micropoderes disciplinares, este sendo pensado como um campo de batalha que se travava diariamente em conflitos cotidianos entre as exigências da normalização disciplinar. Essa disciplina aperfeiçoou o desempenho, valorizando sua organização e divisão do tempo para que as

atividades humanas fossem desenvolvidas, quem por acaso fosse contrário a esta ordem foi exposto a estereótipos e generalizações.

“O corpo é implicitamente um fator de cultura” (BRETON, 2007, p. 16-17). E através dele que se faz presente os costumes de um período.

De imediato a ordem do mundo se estabeleceu a partir de uma ordem biológica em que as provas e formas encontraram-se nas aparências corporais, onde se mediu, pesou-se e cortou-se, transformando-se em sinais indispensáveis de modulação e qualidades. [...] O sujeito não tem poder sobre essa ação da natureza que o revela; sua subjetividade só pode acrescentar pormenores sem reflexo sobre o conjuntos. As qualidades do homem estiveram socialmente ligadas ao seu corpo, o homem não é produto do corpo, produz ele mesmo as qualidades corporais na interação com os outros e na imersão do campo simbólico. (IBIDEM, 2007, p. 18/19).

No caso das anoréxicas e bulímicas, a forma mais comum de controle do seu peso foi sua imagem, e seu fiel confidente para lhe mostrar a realidade foi o espelho. De frente ao seu reflexo é onde elas puderam comprovar se seu desejo está sendo correspondido.

Para elucidar essas questões, Breton (2007), focou suas análises para os diferentes fatos oriundos da constituição sensorial do homem, principalmente nos modos de influência múltipla na vida coletiva e nas relações de uns com outros, formando assim ações de reciprocidade. Essas ações refletiam na civilização de um modo a atualizar a genealogia das atitudes externas do corpo, revelando desse modo o caráter social e cultural que temos em vários aspectos e comportamentos na nossa vida cotidiana. Algumas regras se impunham através das sociedades dominantes, guiando um controle de como se portar, regularam os movimentos íntimos do corpo (comportamento à mesa, relações sexuais, a escarrada), esses são apenas exemplos de que essa dominação perpassou por todas as esferas, inclusive corporal. Seu corpo não teve mais vontades, o sujeito deveria controlar suas vontades. É partindo dessas perspectivas que esses traços entraram no cenário contemporâneo para somar junto às inquietudes e insatisfações com o corpo, a infelicidade com sua aparência, desenvolvendo uma cultura voltada para o controle corporal e mental de suas necessidades fisiológicas.

“A nossa designação corporal traduziu-se pelo imaginário social, e é através dele que, de uma sociedade para outra, a caracterização do corpo se dá pela cultura, sendo objeto de identificação social, onde homem e o corpo são indissociáveis” (BRETON, 2007, p. 29). sendo assim, o corpo individualista teve elemento que interrompeu, marcando os limites das pessoas.

Para Breton (2007, p. 45) “o corpo diz muito sobre sua cultura e sobre tudo, e condições diferentes de socialização podem modificar profundamente, passado o tempo de

uma geração, as culturas gestuais originais desses grupos sociais”. Pensando nesta afirmativa, analisou-se o quanto a beleza é estipulada de acordo com sua época e evocada junto a ditames e regras impostas, onde tudo pode ser renovado e restaurado.

Outra discursão muito oportuna feita por Breton (2007), foi à relação do sujeito com o diferente, à relação do corpo com a deficiência, ou com as prováveis discrepâncias corporais. Neste âmbito, ele destacou:

As relações dos homens com deficientes, o discurso social o afirmou como normal membro da comunidade, cuja dignidade e valor não foram enfraquecidos pela sua forma física ou suas disposições sensórias, mas, ao mesmo tempo, ele foi um objeto marginalizado, mantido mais ou menos fora do ambiente de trabalho, assistido pela seguridade social e afastado da vida coletiva. Sempre sendo alvo de incômodo, angústia, compaixão, reprovação (IBDEM,, 2007, p. 73).

Não cabe aqui a discussão direta desse aspecto, mas sim propor uma ponte que ligue esses sentimentos ao cotidiano de uma adolescente que não esteja nos padrões que a sociedade estabelece, ela foi vista de uma maneira que a torna deficiente, como se faltasse algo para ela ser normal, sendo inserida na sociedade, mas foi condenada por sua forma física, principalmente por olhares e imposições feitas por instituições como a família, e a escola. É através dessa realidade que desencadearam vontades e sentimentos expressivos de que sua imagem passou a difundir-se nos códigos sociais. E, para isso, Breton (2007, p. 74) afirmou: “Aquele que transgride os ritos que pontuam as interações, de modo deliberado ou para defender seu corpo, suscita o desconforto e a angústia”. Talvez residisse nisso o sentimento de angústia, depressão e infelicidade que é exposto por anoréxicas e bulímicas, esse sentimento de controle que de nada serviu para fortalecer a beleza desejada, a magreza desejada, ao fim de tudo e ao se olharem no espelho encontram o desconforto, a angústia e a infelicidade, logo se sentem incapazes de chegarem ao seu objetivo, deste modo tanto vale este discurso para os magros como para os gordos.

Quanto mais esse corpo for deficiente mais irá suscitar a atenção social, em concordância com Breton (2007), à sociedade é ambivalente a esse respeito, ou seja, carregam dois valores, ela convive, mas não aceita, marginaliza e tece uma hierarquia do terror. “O corpo é um analisador privilegiado que evidencia traços sociais, principalmente quando se trata de compreender os fenômenos contemporâneos da sociedade, é através dele que se estabelecem posturas, aparência, controle, classes, sendo elas demarcadores do seu tempo” (IBIDEM, 2007, p. 76). As aparências podem ser representadas pela maneira de se vestir, cuidar do corpo, inclusive elas são provisórias, uma vez que estão amplamente dependentes do efeito da moda. Está também a efeito do sujeito o aspecto físico, peso, altura, qualidades

estéticas, que podem orientar o olhar do outro ou para ser classificado numa categoria moral ou social particular. “Essa prática da aparência na medida em que se expõe a avaliação de testemunha, se transforma em engajamento social, em meio à importância dada ao look ou a imagem” (BRETON, 2007, p. 77). Essas foram apenas algumas exigências que são exercidas pelo controle dos corpos através da publicidade e da exposição corporal exercidas nesta sociedade.

Com a modernidade, tudo fez referência ao campo social, inclusive o corpo, a manipulação de símbolos que caracterizavam o consumo visavam obter o mais belo objeto, a sociedade de consumo deixa claro seus limites e as ambiguidades da libertação deste corpo. O autor destacou que essa libertação se dá sob os signos físico e sexual, e sua inteira presença na publicidade, na moda, na cultura de massas, no culto da higiene, da dietética, na terapêutica no qual ele é envolvido. Os regimes, as práticas de sacrifício a ele ligadas, tudo testemunha atualmente que o corpo tornou-se objeto de reverência. Observa-se que a retórica da alma foi substituída pela do corpo, amparada pela moral do consumo.

A falência do corpo magro se deu na medida em que este corpo adquiriu, assim como na obesidade, patologias dentre elas a anorexia e a bulimia. Para Sant’Anna (2016, p. 118), na década de 80, com a descoberta da AIDS, a representação do corpo magro passou a ser suspeita. Para conter essa realidade sobre a anorexia que avançava principalmente entre modelos, alguns deputados franceses votaram uma lei estipulando que a atividade de manequim ficaria condicionada a um atestado médico, inclusive sendo adotado por eventos de beleza e moda como o São Paulo Fashion Week. Esse documento atestaria sua saúde e seu índice de massa corporal (IMC). Apesar de todo esse aparato para controlar e impor uma forma corporal considerada bela, ideal e saudável, na medida em que os anos 2000 avançam, a obesidade foi se tornando comum, principalmente com o aumento do uso de alimentos industrializados. Educadores e médicos começavam a atestar os malefícios de uma vida sedentária e qualificando como a má alimentação poderia causar prejuízos à saúde. O uso de academias públicas e privadas avançou neste século, mas os corpos continuaram presos à gordura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas são algumas considerações tecidas a partir de uma pesquisa feita sobre os modelos de beleza impostos pela sociedade. Mesmo que o trabalho tenha intencionado o relato de uma beleza que se torna doença, ele é delimitado, os depoimentos se detêm às adolescentes que vivenciaram este drama, e ele é vivido não apenas por adolescentes. Deste modo, alguns dados podem ser relevantes num período em que a obesidade está como uma doença epidêmica mundial.

No Brasil, dados da Associação Brasileira para o Estudo da Obesidade e da Síndrome Metabólica (ABESO) nos revelam que quase 60% dos brasileiros estão acima do peso, segundo dados do IBGE de 2015, cerca de 82 milhões de pessoas apresentaram o IMC igual ou maior que 25 (sobrepeso ou obesidade). Isso indica uma prevalência maior de excesso de peso no sexo feminino (58,2 %). Segundo esses dados, o sobrepeso aumenta de acordo com a idade, o percentual é maior entre as mulheres (Disponível em: <<http://www.abeso.org.br/noticia/quase-60-dos-brasileiros-estao-acima-do-peso-revela-pesquisa-do-ibge>>).

Apesar de a obesidade ser considerada um fator que resulta em algumas patologias, não se espanta que a recusa em considerar a obesidade uma doença tenha provocado um crescente aumento de blogs e sites que “desmoralizam” o padrão estético da magreza defendendo e normalizando a aparência dessas “gordas e obesas”. Não por acaso surgirá ainda nesta década à moda para o público considerado acima do peso, trazendo o modelo/termo *plus size*, que visa desqualificar este rótulo de que a obesidade tem que vir acompanhada de doença. Apesar de a gordura não ser considerada padrão, não deixou de existir, pelo contrário, estamos numa sociedade altamente obesa e que sofre as consequências diárias deste modelo, sejam elas positivas ou negativas. Com a grande diversidade de alimentos hipercalóricos expostos no mercado, fica cada vez mais difícil manter um corpo magro. Segundo Sant’Anna (2016): “Se hoje existe uma crítica contundente à transformação da maior parte de diagnósticos em doenças, há também quem defina a obesidade como uma patologia crônica, que não tem cura, apenas controle” (IBIDEM, 2016, p. 162). Esse controle teria que vir da abstinência de comer. Apesar do aumento do uso de academias privadas e outras construídas pelo poder público como grande incentivo a ser magro e tonificado, isso parece não se incorporar nesta sociedade, o discurso higienista segue até hoje construindo padrões e controlando as formas. Nesta pesquisa constatou-se que a busca por modelos padronizados socialmente tem uma diversidade de fatores contundentes que interferiram diretamente nas condutas humanas. Esses comportamentos adotados para obter êxito corporal podiam causar graves consequências patológicas ao organismo, trazendo grandes perdas para essas meninas.

O levantamento dessa pesquisa viabilizou constatar que é relevante o número de adeptas ao uso da bulimia e anorexia. Entretanto, este trabalho visou contribuir para essa discussão e propor outras que poderão ser problematizadas de acordo com a leitura. Diante da realização da pesquisa, podemos nos deparar com algumas lacunas, sendo assim, o estudo poderá ser usado como projeto futuro, pois ainda há muito que ser explorado.

ABSTRACT

BEAUTY STANDARDS: THE DISARMING OF ANOREXIA AND BULIMIA IN THE FIRST DECADE OF THE 21ST CENTURY

This research investigates the historical relationship of beauty developed over the centuries, aiming to highlight the discourses of subordinate bodies through eating disorders such as anorexia and bulimia between the years 2006 to 2010. This present work was carried out through a research in blogs, Magazines and reports such as: Magazine Viva Saúde; Marie Claire; site Notícias Terra; Magazine Isto É; Online Journal Folha UOL; Um Espelho Cego; INASC (National Institution of Adolescents Without Cause); Blog Testemunhos Reais; Blog Convivendo Com a Bulimia; Blog Escrava da Estética; Fiocruz; Blog Ditadura da Estética; Blog Diga Não a Obesidade; Blog Mia Pró Ana Conselhos e Truques. In the measure that configurations are established for the body over the centuries, the impositions on it are increasing, the fat, in the last moments, will be associated with wealth, abundance, having these characteristics as beneficial signs for its society. But some factors will influence the construction of a new image for beauty standards. The hygienist policies, the control of the body, the necessity to a good look will be set up from the lean, thin, and contained body. Therefore, the desire to obtain a perfect and standardized form intervened in the body, transforming beauty into sickness.

Keywords: Body; History of Beauty; Anorexia; Bulimia.

REFERÊNCIAS

BURITI, Iranilson; FREIRE, Leonardo Q. B; SOUSA, Débora da Silva; LOURENÇO, José Maxuell. **A ordem Antes do Progresso: O Discurso Médico-Higienista e a Educação dos Corpos do Brasil no Início do Século XX.** Campina Grande, vol. 9, ano IX, 2012. Semestral. ISSN 1807-6971. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br>>. Acesso em: 22 Fev. 2017.

BRETON, Le David. **A Sociologia do Corpo.** 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

DEL PRIORI, Mary. **Corpo a corpo com a mulher: Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil.** São Paulo: SENAC, 2000.

DEL PRIORI, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs). **História do Corpo no Brasil.** São Paulo: UNESP, 2011.

DUARTE, André. “Biopolítica e Resistencia: O Legado de Michel de Foucault”. In: RAGO, Margareth; VEIGA NETO, Alfredo. **Figuras de Foucault.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

ECO, Umberto. **Historia da Beleza.** 2 ed. Rio de janeiro: Record, 2010.

IDA, Sheila Weremchuk. **Anorexia e Bulimia: Uma Perspectiva Social.** (Dissertação de Mestrado em Psicologia)-Programa de Pós-Graduação em Psicologia social institucional-UFRGS. Porto Alegre, 2008.

PARISOLI, Maria Michela Marzano. **Pensar o corpo.** Petrópolis: Vozes, 2004.

RAGO, Margareth; VEIGA NETO, Alfredo. **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: A utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930**. 3ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. "Higiene e higienismo entre o Império e a República". In: DEL PRIORI, Mary; AMANTINO, Marcia (Orgs). **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2011.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **Gordos, Magros e Obesos**. Uma história do peso no Brasil. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

SOARES, Carmem Lúcia. "Pedagogias do corpo: higiene, ginástica, esporte" In: RAGO, Margareth; VEIGA NETO, Alfredo. **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VEIGA NETO, Alfredo "Dominação, violência, poder e educação escolar em tempos de Império" In: RAGO, Margareth; VEIGA NETO, Alfredo. **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VIGARELO, Georges. **As metamorfoses do gordo: História da obesidade no Ocidente da Idade Média ao século XX**. Petrópolis: Vozes, 2012.

Fontes

Um espelho cego. Disponível em: <<http://umespelhocego.blogs.sapo.pt/2636.html>>. Acesso em: 03 Dez. 2016.

Instituição nacional do adolescente sem causa (INASC). Disponível em: <<http://Inasc-santos.blogspot.com/2009/09/quem-ja-passou-por-isso-depoimentos-de.html>> 11 de set de 2009.

Hoje, Carlos Alberto mantém sites (www.anorexianervosa.blogspot.com; www.anorexia-nervosa.blog.terra.com.br). Acesso em: 03 Abr. 2016.

Testemunhos reais. Disponível em: <<http://bulimia-hoje.blogspot.com.br/2009/01/testemunhos-reais.html>>. Acesso em: 24 Mar. 2016.

Convivendo com a bulimia. Disponível em: <<http://Convivendocomabulimia/naosouexposicao.wordpress.com>>. Acesso em: 24 Mar. 2016.

Escrava da estética. Disponível em: <<http://escravadaestetica.blogspot.com/2007/05/problemas-psicologicos-causados-pela-bulimia/anorexia25demaide2007>>. Acesso em: 03 Dez. 2016.

ALMEIDA, Cristina. **Família ajuda no tratamento de transtornos alimentares.** Ed. 69. Disponível em: <<http://revistavivasaude.uol.com.br/familia/familia-ajuda-no-tratamento-de-transtornos-alimentares/2356/#>>. Acesso em: 03 Dez. 2016.

Distúrbios alimentares, sofro de bulimia há anos. Disponível em: <<http://revista.marieclaire.globo.com/Revista/SOFRO+DE+BULIMIA+HA+ANOS>>. Acesso em: 28 Mar. 2016.

ROCHA, Juliana. **Espelho Inimigo Meu.** Rio de Janeiro: 2006. Disponível em: <http://www.invivo.fiocruz.br/2006_espelho_inimigo_meu>. Acesso em: 03 Dez. 2016.

SILVA, Priscila. **A Bulimia: Ditadura da Estética.** Espirito Santo, 2007. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/bulimia-a-ditadura-da-estetica,8dejunde2007>>. Acesso em: 03 Dez. 2016.

BEKMAN, Aurea. **Obesidade pode levar ao Suicídio.** 2009. Disponível em: <<http://diganao.aobesidade.blogspot.com.br/2009/08/anorexia-nervosa-e-bulimia>> Acesso em: 23 Set. 2016.

Modelo morre de anorexia aos 21 anos e com 40kg. 2006. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br>> › Retrospectiva 2006 › Brasil (modelo morre de anorexia). Acesso em: 02 Dez. 2016.

BORGES, Paulo. **Abaixo a anorexia.** Ed. 2467/2007. nº: 1943. Disponível em: <<http://istoe.com.br>> › Notícias, 24 de jan de 2007(abaixo a anorexia). Acesso em: 02 Dez. 2016.

Pro Ana, Pro Mia, conselhos e truques. Disponível em: <<http://promiaeproana.blogspot.com.br/2009/08/bom-dia-garotas-ou-garotos-depois>>. Acesso em: 02 Dez. 2016.

CASTRO, Leticia; FORTINO, Leandro. **Morte de modelo não assusta blogueiras Pro-anorexia.** São Paulo: 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/mortedemodelonãossustablogueiraspró-anorexia27/11/2006>>. Acesso em: 28 Nov. 2016.

Quase 60% dos brasileiros estão acima do peso revela pesquisa do IBGE. Dados colhidos na ABESO (associação brasileira para o estudo da obesidade e da síndrome metabólica). Disponível em: <<http://www.abeso.org.br/noticia/quase-60-dos-brasileiros-estao-acima-do-peso-revela-pesquisa-do-ibge>>. Acesso em: 06 Mar. 2017.

Gota. Disponível em: <<https://www.google.com.br/gota>> Acesso em: 06 Mar. 2017.

Hidropisia. Disponível em: <<https://www.google.com.br/hidropisia>> Acesso em: 06 Mar. 2017.